

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Solange Aparecida de Souza Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual
/ Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro.
– Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-627-0

DOI 10.22533/at.ed.270200112

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Gênero sexual.
4. Diversidade sexual. I. Monteiro, Solange Aparecida de
Souza (Organizadora). II. Título.

CDD 613.96

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Toda prática educativa libertadora, valorizando o exercício da vontade, da decisão, da resistência, da escolha; o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, dos limites; a importância da consciência na história, o sentido ético da presença humana no mundo, a compreensão da história como possibilidade jamais como determinação, é substancialmente esperançosa e, por isso mesmo, provocadora da esperança. (Paulo Freire)

Na última década, percebemos um conjunto de resistências no processo de tratamento da temática de gênero e diversidade, principalmente nas instituições escolares. Enraizado num fundamentalismo religioso, esse assunto vem sendo covardemente atacado pelas alas conservadoras da sociedade, as quais têm (re) produzido discursos de ódio na tentativa de deslegitimar e/ou distorcer esse campo de discussão. Educar numa matriz que (re)conheça a emergência do debate acerca das temáticas de gênero e diversidade no contexto escolar, consiste numa proposta de educar em direitos humanos, ou seja, educar para um processo de humanização e respeito mútuo entre os sujeitos. Sob esse viés, entendemos que a dinâmica dos espaços e das relações sociais se encontra permeada de questões, contudo, o contexto escolar por sua vez, é o lócus privilegiado para tratamento dessa temática, dada a diversidade de sujeitos/as e experiências que advém de diferentes espaços socioculturais.

As pessoas têm direito ao acesso ao conhecimento, numa permanente reflexão crítica, o que lhes possibilita avaliarem, analisarem o seu cotidiano, as suas ações e atitudes. Porque sem o acesso ao conhecimento científico não podemos ser sujeitos críticos, a educação sexual emancipatória e as teorias do pensamento crítico, pois não temos como ser críticos se formos orientados e pautados em equívocos teóricos, em erros e mentiras nas práticas vivenciadas. A partir das análises dos documentos em sua totalidade, foi registrado, a cada instante, o respaldo que a educação sexual emancipatória e uma ação pedagógica críticoreflexiva recebem desses documentos oficiais, assim como o amparo legal que docentes possuem de maneira direta ou indireta, para realizarem intervenções sobre a temática sem medos, repressões ou perseguições. Desta forma, as reflexões sobre os documentos oportunizaram observar sua potencialidade, bem como registrar algumas lacunas que podem ser reestruturadas partindo do que registramos esta pesquisa. E, assim, podemos afirmar a preocupação de ambos os documentos analisados nos aspectos da saúde humana para a vida com qualidade, com proteção e preservação à natureza e à vida humana, englobando uma visão de ser humano em sua inteireza, no mundo, junto aos outros seres.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Silmário Batista dos Santos

Célio Marcos Colombro Molteni

Fabricio Augusto Correa da Silva

Vaquiria Nicola Bandeira

Antonio Marcos Vanzeli

Débora Fernandez Antonon Silvestre

Melissa Camilo

Debora Cristina Machado Cornélio

DOI 10.22533/at.ed.2702001121

CAPÍTULO 2..... 15

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA REDUÇÃO DOS CASOS DO CÂNCER DE PÊNIS EM PERNAMBUCO: REVISÃO INTEGRATIVA

Simone Souza de Freitas

Amanda Dacal Neves

Ana Beatriz Sousa Nunes

Eveliny Silva Nobre

Heloise Agnes Gomes Batista da Silva

Ilka Maria de Santana

Inalda Juliani Ferreira dos Santos

Joana D'arc Tavares do Nascimento

Jeniffer Emidio de Almeida

Luis Felipe da Silva Medeiros

Marcella Brianni de Araújo Gomes

Nathalia Nascimento Gouveia

Maria Ramona da Penha Carvalho

Shelma Feitosa dos Santos

Tayanne Kettyne Silva Santos

Victor Hugo Silva de Lima

DOI 10.22533/at.ed.2702001122

CAPÍTULO 3..... 24

CONSTRUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A CONVIVÊNCIA DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ COM FAMÍLIA

Isael Cavalcante Silva

Ivanete Silva de Sousa

Francisca Francimar Araújo Pinheiro

Maria Conceição Batista de Oliveira

Vitória Kísla Brasil Barros

Elisabeth Soares Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.2702001123

CAPÍTULO 4.....	31
ADOÇÃO DE CRIANÇAS POR CASAS HOMOAFETIVOS: REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA	
Elvira Simões Barretto	
Lenilda Inácio dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2702001124	
CAPÍTULO 5.....	44
A REPRESSÃO DO GÊNERO LEGITIMADA PELA CULTURA MILITAR: UMA VISÃO ATRAVÉS DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Ana Margareth Moreira Mendes Cosenza	
Samya Cotta Brandão Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.2702001125	
CAPÍTULO 6.....	57
CONSTRUCCIÓN DE IMAGEN DE GÉNERO EN EL CONTEXTO ESCOLAR Y FAMILIAR. PERCEPCIÓN DE FUNCIONARIAS DE UNA UNIVERSIDAD DE PARAGUAY	
Karen Natali Backes dos Santos	
María Victoria Zavala Saucedo	
DOI 10.22533/at.ed.2702001126	
CAPÍTULO 7.....	72
EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA DITADURA MILITAR	
Gislene Quaresma Oliva	
Maria da Luz Alves Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.2702001127	
CAPÍTULO 8.....	83
PARA ALÉM DA REPRESENTATIVIDADE: A RELEVÂNCIA DE PABLO VITTAR E LUDMILLA PARA A POPULAÇÃO LGBTQI+	
Lara Muniz Araujo	
Isabella Perrotta	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.2702001128	
CAPÍTULO 9.....	96
PARTICIPACIÓN DE LA MUJER EN CARGOS DIRECTIVOS EN UNA INSTITUCIÓN DE EDUCACIÓN SUPERIOR DE GESTIÓN PÚBLICA – CIUDAD DEL ESTE - PARAGUAY	
Karen Natali Backes dos Santos	
María Victoria Zavala Saucedo	
DOI 10.22533/at.ed.2702001129	
CAPÍTULO 10.....	107
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES E OS DESAFIOS À VISIBILIDADE	
Nelmires Ferreira da Silva	

DOI 10.22533/at.ed.27020011210

CAPÍTULO 11 118

UMA ANÁLISE DAS INTERSECCIONALIDADES A PARTIR DAS MULHERES QUE MIGRAM INTERNAMENTE PARA TRABALHAR COMO DOMÉSTICAS

Guélmer Júnior Almeida de Faria

Maria da Luz Alves Ferreira

Andrea Maria Narciso Rocha de Paula

DOI 10.22533/at.ed.27020011211

CAPÍTULO 12 130

A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO DA CRECHE

Ana Rosa Costa Picanço Moreira

DOI 10.22533/at.ed.27020011212

CAPÍTULO 13 137

DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS EDUCADORES ACERCA DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS: TABUS E FORMAÇÃO

Edna Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.27020011213

SOBRE A ORGANIZADORA 149

ÍNDICE REMISSIVO 150

CONSTRUCCIÓN DE IMAGEN DE GÉNERO EN EL CONTEXTO ESCOLAR Y FAMILIAR. PERCEPCIÓN DE FUNCIONARIAS DE UNA UNIVERSIDAD DE PARAGUAY

Data de aceite: 27/11/2020

Data de submissão: 06/10/2020

Karen Natali Backes dos Santos

Escuela de Posgrado de la Universidad
Nacional del Este
Ciudad del Este, Paraguay
<https://orcid.org/0000-0001-6714-1367>

María Victoria Zavala Saucedo

Escuela de Posgrado de la Universidad
Nacional del Este
Ciudad del Este, Paraguay
<https://orcid.org/0000-0002-1721-1563>

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es “explorar las percepciones de imagen de género que tienen las funcionarias de una Universidad de Paraguay; con base en experiencias vividas en el contexto familiar y escolar”. La población de estudio estuvo constituida por 181 funcionarias de rango medio, a través de la técnica de muestreo probabilística por conglomerados se definió una muestra integrada por 128 funcionarias. La recolección de datos se realizó mediante una encuesta por medio de un cuestionario con escala de medición tipo Likert. Los resultados dan cuenta de que las participantes de la investigación tuvieron un contexto familiar caracterizado por actividades, normas e imagen estereotipadas que son reafirmadas en el escolar a través de designación de tareas, participación en la organización escolar y el uso del espacio. Se concluye que los factores vinculados a una

imagen estereotipada de género son el modelo familiar, las prácticas escolares, mecanismos de socialización como libros, juegos, actividades escolares, vestimentas, colores y juguetes; de tal manera que los roles e imágenes de género tipificados en el contexto familiar, son reforzados en el contexto escolar construyendo así una imagen con orientación estereotipada de género. **PALABRAS CLAVE:** Imagen de género, estereotipo de género, contexto familiar, contexto escolar, educación superior.

ABSTRACT: The objective of this work is “to explore the perceptions of the gender image that the civil servants of a University of Paraguay have; based on experiences lived in the family and school context”. The study population consisted of 181 mid-range civil servants. Through the probabilistic sampling technique by conglomerates, a sample composed of 128 civil servants was defined. Data collection was carried out through a survey using a Likert-type measurement scale questionnaire. The results show that the research participants had a family context characterized by activities, norms and stereotyped images that are reaffirmed in the school through assignment of tasks, participation in the school organization and the use of space. It is concluded that the factors linked to a stereotyped image of gender are the family model, school practices, socialization mechanisms such as books, games, school activities, clothing, colors and toys; in such a way that the gender roles and images typified in the family context are strengthen in the school context, thus building an image with a stereotyped gender orientation.

KEYWORDS: Gender image, gender stereotype, family context, school context, higher education.

1 | INTRODUCCIÓN

El género es una categoría analítica con fundamentos culturales que incluye: prohibiciones en la vida de varones y mujeres basadas en prejuicios, valores, ideas, mandatos sociales e interpretaciones. A partir de esta categoría se considera que los varones y mujeres no son iguales, pues cada uno tiene su un rol en la vida (COLÁS BRAVO; VILLACIERVOS MORENO, 2007). Esta diferencia se describe en lo expresado por Fisas (1998, pág. 35):

Según el tipo ideal históricamente gestado, la mujer, toda mujer auténtica, está adornada de unas características que la distinguen del varón: es dulce y tierna, cotilla y astuta, preocupada por lo concreto, incapaz de interesarse por cuestiones universales, sentimental, intuitiva, irreflexiva y visceral. El varón, todo varón auténtico, por su parte, posee también unas cualidades de las que carecen las mujeres: es eminentemente racional, activo y emprendedor, dominador de las grandes palabras (libertad, justicia), competitivo y agresivo.

La imagen de género es la percepción que se tiene de sí mismo y de las relaciones de género, estableciendo constructos mentales y patrones de comportamiento que definen cómo cada persona se concibe en el mundo y cómo se orienta en él. Es decir, son las representaciones acerca del comportamiento, decisiones, prioridades, expectativas, aspiraciones, con origen cultural transmitidas por la sociedad a través del proceso de tipificación de género (COLÁS BRAVO; VILLACIERVOS MORENO, 2007; LAGARDE, 1996; LAMAS, 1986; ZAPATA DÍAZ, 2012; GALLEGOS PEREIRA; GUZMÁN GARRIDO; SAAVEDRA CUBILLOS; SILVA HIDALGO; 2012).

En la construcción de la imagen de género existen varios elementos que intervienen: los roles, la identidad, la socialización (contexto familiar y escolar) y los estereotipos.

Los roles de género son los comportamientos, intereses, actitudes y rasgos de personalidad que una cultura considera apropiados para varones o mujeres; todas las sociedades tienen roles de género (PAPALIA; WENDKOS OLDS; DUSKIN FELDMAN, 2009). Una característica particular es que los roles están directamente relacionados con la distribución de tareas entre varones y mujeres (HIDALGO ARIZA, 2017).

La identidad de género es la conciencia sobre la propia feminidad o masculinidad, fundamental para el desarrollo del autoconcepto en las personas (PAPALIA, WENDKOS OLDS, & DUSKIN FELDMAN, 2009); esta identidad se define

antes de nacer, al momento de la confirmación del sexo durante el embarazo y comprende aspectos biológicos y psicológicos (HERRERA SAINT, 2000).

El proceso de socialización mediante el cual los niños aprenden los roles específicos y las imágenes para cada género, es conocido como tipificación de género (PAPALIA, WENDKOS OLDS, DUSKIN FELDMAN, 2009). En este proceso se interiorizan de manera inconsciente a través de la cultura las conductas y roles que persisten en la sociedad (ÁLVAREZ, 2016, apud HIDALGO ARIZA, 2017), y que se imponen a través de un control social ejercido, es así que, cuando el comportamiento no responde a las expectativas según el sexo, estos son criticados, desaprobados o rechazados (HIDALGO ARIZA, 2017). A nivel interno, cuando el comportamiento no responde a la imagen socialmente aprobada se genera un conflicto de rol.

Los estereotipos de género constituyen las generalizaciones preconcebidas y comunes basados en las representaciones culturales sobre rol, imagen e identidad masculina o femenina; son transmitidos a través de diversos mecanismos socioculturales (COLÁS; VILLACIERVOS; 2007). Aparecen a cierto nivel en los niños desde los dos o tres años, aumentan durante los años preescolares y alcanzan un máximo a los cinco años (CAMPBELL, SHIRLEY, CANDY, 2004; RUBLE; MARTIN, 1998; PAPALIA, WENDKOS OLDS, DUSKIN FELDMAN, 2009).

Lagarde (1996) señala que los estereotipos de género no tienen un carácter aleatorio y se aprenden desde la infancia. Los estereotipos constituyen la base de la construcción de la identidad de género y sirven de herramientas socioculturales para definir normas sociales (COLÁS BRAVO; VILLACIERVOS MORENO, 2007).

En función de los estereotipos de género internalizados por los sujetos, estos son definidos como varones y mujeres, también se establecen referentes culturales que son reconocidos y asumidos por las personas, configurando modos de interpretación actuación y pensamiento sobre la realidad (COLÁS BRAVO; VILLACIERVOS MORENO, 2007).

Existen aportaciones empíricas que demuestran de qué manera estos estereotipos internalizados “afectan al autoconcepto del sujeto, los procesos cognitivos, las aptitudes intelectuales y el desempeño en la ejecución de tareas” (COLÁS BRAVO; VILLACIERVOS MORENO, 2007, p.38), por lo cual resulta relevante movilizarlos o superarlos para lograr un desarrollo auténtico de las mujeres y los varones.

Se puede decir, que la sociedad se basa en el sexo para generar la expectativa de comportamiento y la valoración de una determinada conducta como adecuada o inadecuada según lo realice el varón o la mujer; así por ejemplo se espera que las niñas jueguen a las muñecas, pero sería inusual que lo hiciera un niño.

Estos estereotipos de género limitan la libertad para la conformación de la

identidad de las mujeres y varones y promueve las desigualdades sociales; no son innatos, sino que son aprendidos en el proceso de socialización en el que intervienen diferentes agentes: la familia, la escuela, los pares y los medios de comunicación (HIDALGO ARIZA, 2017).

Es así como el contexto familiar es el primer espacio en el que se transmiten normas y valores, se construye la identidad de género y la tipificación sexual; se refuerzan las diferencias asignando tareas distintas a niños y niñas (HERRERA SAINT, 2000).

Como segundo factor el contexto escolar, constituye un espacio con gran poder socializador de las diferencias de género entre varones y mujeres, en el que se reafirman estereotipos aumentando las desigualdades a favor del género masculino además de contribuir muy eficazmente a la conformación de la identidad de género mediante las interacciones entre pares y otros mecanismos muy efectivos como por ejemplo los libros de texto (PEÑA CALVO & RODRÍGUEZ MENÉNDEZ, 2005).

Según el mismo autor, el contexto escolar es un factor determinante para la configuración e identificación con el rol de género, que se acentúa a través del proceso de observación, imitación, aprendizaje social y refuerzo.

De esta manera, la familia y la escuela refuerzan conductas y actitudes consideradas socialmente apropiadas para cada género y se convierten en los principales agentes en la construcción de la imagen de género.

Esta imagen de género construida en ambos contextos impacta en los comportamientos y toma de decisiones de las personas en las organizaciones (GALLEGOS PEREIRA; GUZMÁN GARRIDO; SAAVEDRA CUBILLOS; SILVA HIDALGO, 2012), por lo cual indagar las percepciones de imagen de género de las funcionarias de una Universidad de Paraguay es relevante para identificar las características del proceso de socialización experimentado y de qué manera está presente esa imagen en las prácticas laborales.

Por lo expuesto, a fin de explorar las percepciones de imagen de género que tienen las mujeres participantes de esta investigación, se planteó como interrogante principal: ¿Cuáles son las percepciones de imagen de género que tienen las funcionarias de una Universidad de Paraguay, con base en experiencias vividas en el contexto familiar y escolar? De la cual se desprenden las siguientes interrogantes específicas:

- ¿Cuál es la orientación de imagen de género en el contexto familiar, según las experiencias vividas por funcionarias de una Universidad de Paraguay?
- ¿Cuál es la orientación de imagen de género en el contexto escolar, según las percepciones de funcionarias de una Universidad de Paraguay?

- ¿Cuáles son los factores vinculados con la orientación de imagen de género en el contexto escolar y familiar desde la percepción de las mujeres participantes?

Y como objetivo general de la investigación, explorar las percepciones de imagen de género que tienen las funcionarias de una Universidad de Paraguay; con base en experiencias vividas en el contexto familiar y escolar.

Los objetivos específicos fueron:

- Identificar la orientación en cuanto a imagen de género en el contexto familiar, según las experiencias vividas por funcionarias de una Universidad de Paraguay.
- Identificar la orientación en cuanto a imagen de género en el contexto escolar, según las percepciones de las funcionarias de una Universidad de Paraguay.
- Determinar los factores vinculados con la orientación de imagen de género en el contexto escolar y familiar, desde la percepción de las mujeres participantes.

2 | MÉTODOS

La investigación es de diseño no experimental, transversal, alcance descriptivo y con enfoque cuantitativo.

La técnica de muestreo utilizada fue la probabilística por conglomerados. Para el cálculo de la muestra se utilizó la siguiente fórmula en la cual la “Z” representa el nivel de confianza, el cual para este estudio es del 96%; la “N” representa el tamaño total de la población (181 funcionarias en cargos intermedios); la “e” representa la precisión del error (5%), la “p” representa la variabilidad positiva (0,5) y la “q” representa la variabilidad negativa (0,5 para este estudio); el resultado arrojó una muestra de 128 funcionarias.

La recolección de datos se realizó con la técnica de la encuesta aplicada mediante un cuestionario con escala de Likert, diseñado con base en las variables e indicadores del estudio; fue validado por una prueba piloto y análisis de expertos; el diseño final del instrumento para medición del contexto escolar contó con 17 ítems y para la medición del contexto familiar con 25 ítems.

Los resultados obtenidos a través del cuestionario aplicado fueron codificados, tabulados y analizados en el PSPP (Licencia PSPP GNU GENERAL PUBLIC LICENSE. Version 3, 29 June 2007: Copyright (C) 2007 Free Software Foundation, Inc. <http://fsf.org/> Everyone is permitted to copy and distribute verbatim copies of this license document, but changing it is not allowed) con base en técnicas cuantitativas y se utilizaron estadísticas descriptivas, con el apoyo de recursos

tecnológicos abiertos para su representación a través de tablas.

Para el análisis de los resultados se establecieron ponderaciones con base en afirmaciones deseables, en el caso de esta investigación la respuesta deseable es aquella que está orientada a una afirmación no estereotipada, por lo tanto, la ponderación otorgada fue como se ejemplifica a continuación:

Afirmaciones	Siempre	Casi siempre	A menudo	A veces	Nunca
Afirmación estereotipada	1	2	3	4	5
Afirmación no estereotipada	5	4	3	2	1

TABLA 1. PONDERACIÓN PARA ANÁLISIS DE RESULTADOS.

De este modo, cuanto más cerca del cinco esté la media indica que la orientación es no estereotipada y cuanto más cerca del uno esté la media, indica que la orientación es estereotipada.

Para esta investigación se consideró como valor hacia la afirmación no estereotipada del tres al cinco; y para la afirmación estereotipada del uno al dos punto nueve (2.9).

3 | RESULTADOS Y DISCUSIÓN

3.1 Contexto familiar

N°	Indicadores	Siempre	Casi siempre	A menudo	A veces	Nunca	Total	Media	Orientación
		1,00	2,00	3,00	4,00	5,00			
1	Las niñas de mi familia ayudaban a sus madres en la limpieza de la casa	88,00	24,00	13,00	1,00	2,00	128	1,48	Estereotipada
	%	68,75	18,75	10,16	0,78	1,56	100		
2	En mi familia, las niñas ganaban de regalo vestidos, juguetes de cocina o muñecas	64,00	32,00	20,00	10,00	2,00	128	1,86	Estereotipada
	%	50,00	25,00	15,63	7,81	1,56	100		
3	Mi papá era quien nos castigaba	19,00	20,00	16,00	34,00	39,00	128	3,42	No estereotipada
	%	14,84	15,63	12,50	26,56	30,47	100		

4	En mi familia las mujeres tenían horario impuesto para llegar a casa	63,00	29,00	26,00	8,00	2,00	128	1,88	Estereotipada
	%	49,22	22,66	20,31	6,25	1,56	100		
5	Mi papá era el responsable por el ingreso familiar	48,00	24,00	26,00	15,00	15,00	128	2,41	Estereotipada
	%	37,50	18,75	20,31	11,72	11,72	100		
6	Mi hermano (primos o amigos) podía jugar afuera hasta tarde	17,00	32,00	39,00	25,00	15,00	128	2,91	Estereotipada
	%	13,28	25,00	30,47	19,53	11,72	100		
7	En mi casa se escuchaba "los varones no lloran"	21,00	17,00	26,00	33,00	31,00	128	3,28	No estereotipada
	%	16,41	13,28	20,31	25,78	24,22	100		
	Parcial	0,16	0,27	0,61	1,03	1,21	3,28		
8	Mi hermano (primos o amigos) recibía de regalo camiones, o armas o pelotas cuando era niño	52,00	28,00	29,00	12,00	7,00	128	2,17	Estereotipada
	%	40,63	21,88	22,66	9,38	5,47	100		
Media General									2,43
Mediana									2,29

TABLA 2. CONTEXTO FAMILIAR - ROL E IMAGEN DE GÉNERO.

Fuente: elaboración propia, según datos del cuestionario aplicado en el 2017.

N°	Indicadores	Siempre	Casi siempre	A menudo	A veces	Nunca	Total	Media	Orientación
		5,00	4,00	3,00	2,00	1,00			
1	En mi familia los varones podían tener cabello largo, si quisieran	4,00	2,00	7,00	17,00	98,00	128	1,41	Estereotipada
	%	3,13	1,56	5,47	13,28	76,56	100		
2	En mi casa todos (tanto hombre como mujeres) éramos responsables por los quehaceres domésticos	40,00	23,00	31,00	17,00	17,00	128	3,41	No estereotipada
	%	31,25	17,97	24,22	13,28	13,28	100		
3	En mi familia se les reprendía a los varones cuando tenían novias	2,00	5,00	10,00	19,00	92,00	128	1,48	Estereotipada
	%	1,56	3,91	7,81	14,84	71,88	100		

N°	Indicadores	Siempre	Casi siempre	A menudo	A veces	Nunca	Total	Media	Orientación
		5,00	4,00	3,00	2,00	1,00			
4	Los varones de mi entorno (hermanos, primos o amigos) podían usar vestimenta de color rosado si quisieran	14,00	11,00	22,00	21,00	60,00	128	2,20	Estereotipada
	%	10,94	8,59	17,19	16,41	46,88	100		
5	Mi mamá trabajaba fuera de la casa	30,00	10,00	19,00	10,00	59,00	128	2,55	Estereotipada
	%	23,44	7,81	14,84	7,81	46,09	100		
6	Las niñas de mi familia podían jugar a la pelota con los varones	36,00	31,00	23,00	21,00	17,00	128	3,38	No estereotipada
	%	28,13	24,22	17,97	16,41	13,28	100		
7	Mi hermano (primos o amigos) podía estudiar ballet si quisiera	9,00	4,00	19,00	24,00	72,00	128	1,86	Estereotipada
	%	7,03	3,13	14,84	18,75	56,25	100		
8	En mi casa tanto varones como mujeres debíamos saber cocinar	42,00	24,00	27,00	19,00	16,00	128	3,45	No estereotipada
	%	32,81	18,75	21,09	14,84	12,50	100		
9	Mi papá asistía a las reuniones en el colegio	21,00	13,00	24,00	27,00	43,00	128	2,55	Estereotipada
	%	16,41	10,16	18,75	21,09	33,59	100		
10	Mi papá nos ayudaba a hacer las tareas de la escuela	18,00	15,00	25,00	29,00	41,00	128	2,53	Estereotipada
	%	14,06	11,72	19,53	22,66	32,03	100		
11	En mi familia, las niñas podían estudiar karate o taekwondo si quisieran	21,00	21,00	26,00	29,00	31,00	128	2,78	Estereotipada
	%	16,41	16,41	20,31	22,66	24,22	100		
12	Mi papá ayudaba a mi mamá con los quehaceres de la casa	12,00	25,00	29,00	30,00	32,00	128	2,65	Estereotipada
	%	9,38	19,53	22,66	23,44	25,00	100		
Media General									2,52
Mediana									2,55

TABLA 3. CONTEXTO FAMILIAR - FRECUENCIA DE ROL E IMAGEN DE GÉNERO.

Fuente: elaboración propia, según datos del cuestionario aplicado en el 2017.

<i>Afirmaciones</i>	<i>Estereotipada</i>	<i>No estereotipada</i>	<i>General</i>	<i>Orientación</i>
<i>Media</i>	2,43	2,52	2,47	Estereotipada
<i>Mediana</i>	2,29	2,55	2,42	

TABLA 4. CONTEXTO FAMILIAR - ORIENTACIÓN FINAL

Según los datos resulta una media (2,47) y mediana general (2,42) en el contexto familiar. Se observa que las participantes de la investigación tuvieron un contexto familiar con orientación estereotipada de género; en este sentido y con base en los resultados, se destacan: la utilización de juguetes como instrumento de tipificación del rol de género, las niñas ganaban juguetes que simulaban la práctica del rol doméstico (media 1,86) y los niños juguetes vinculados al ámbito público (media 2,17). Esta tipificación del rol doméstico de la mujer se refuerza con las respuestas de las encuestadas ante la afirmación “las niñas de mi familia ayudaban a sus madres en la limpieza de la casa” (media 1,48).

Entre las afirmaciones estereotipadas se destaca también el enunciado de que las niñas tenían horario impuesto para estar en la casa (media 1,88) ya que el rol de la mujer siempre ha sido el cuidado doméstico lo que está estrechamente vinculado con el horario de permanencia en el hogar.

En los resultados resalta que el proceso de construcción de la identidad de género es más estricto para el niño, ya que, según la perspectiva de las encuestadas, se visualiza como los varones estaban limitados a cumplir ciertos patrones, imagen o roles que son vinculados al género masculino; los varones no podían tener cabello largo (1,41), no eran reprendidos cuando tenían novias (1,48), no podían estudiar ballet si quisieran (1,86) y no podían usar vestimentas de color rosado (2,20). Esto tiene fundamento en la teoría que afirma la importancia del desarrollo de una imagen varonil para el niño, que va desde la selección del color al momento de nacer hasta la selección de juguetes, peinados y ropas, así también, se vincula a con el enfoque evolutivo del desarrollo que define el comportamiento de género con base biológica (teoría de la selección sexual) (PAPALIA; WENDKOS OLDS; DUSKIN FELDMAN, 2009).

3.2 Contexto Escolar

Nº	Indicadores	Siempre	Casi siempre	A menudo	A veces	Nunca	Total	Media	Orientación
		1,00	2,00	3,00	4,00	5,00			
1	Los niños eran mejores en matemáticas	6,00	30,00	39,00	47,00	6,00	128	3,13	No estereotipada
	%	4,69	23,44	30,47	36,72	4,69	100		
2	En mi escuela, las niñas realizaban mejor las presentaciones orales	28,00	45,00	39,00	15,00	1,00	128	2,34	Estereotipada
	%	21,88	35,16	30,47	11,72	0,78	100		
3	Los niños eran responsables por proveer las bebidas	32,00	32,00	33,00	16,00	13,00	126,00	2,54	Estereotipada
	%	25,40	25,00	25,78	12,50	10,16	98,83		
4	Las niñas eran más responsables con las tareas escolares	44,00	48,00	27,00	8,00	1,00	128	2,02	Estereotipada
	%	34,38	37,50	21,09	6,25	0,78	100		
5	Las niñas eran responsables por proveer las comidas para los festejos	55,00	42,00	20,00	8,00	3,00	128	1,92	Estereotipada
	%	42,97	32,81	15,63	6,25	2,34	100		
6	En mi escuela, había más niñas abanderadas que niños	30,00	43,00	35,00	19,00	1,00	128	2,36	Estereotipada
	%	23,44	33,59	27,34	14,84	0,78	100		
7	Las niñas preparaban los carteles para las exposiciones orales	48,00	46,00	25,00	8,00	1,00	128	1,97	Estereotipada
	%	37,50	35,94	19,53	6,25	0,78	100		
Media General									2,33
Mediana									2,34

TABLA 5. CONTEXTO ESCOLAR - FRECUENCIA DE ROL E IMAGEN DE GÉNERO.

Fuente: elaboración propia, según datos del cuestionario aplicado en el 2017.

Nº	Indicadores	Siempre	Casi siempre	A menudo	A veces	Nunca	Total	Media	Orientación
		5,00	4,00	3,00	2,00	1,00			
1	Las niñas eran las presidentes de la comisión de clases	13,00	46,00	35,00	31,00	3,00	128	3,27	No estereotipada
	%	10,16	35,94	27,34	24,22	2,34	100		
2	En la clase de taller (artes plásticas) los niños realizaban bordados	16,00	22,00	18,00	35,00	37,00	128	2,57	Estereotipada
	%	12,50	17,19	14,06	27,34	28,91	100		
3	Los niños organizaban los festejos del día de la amistad y juventud	5,00	8,00	18,00	56,00	41,00	128	2,06	Estereotipada
	%	3,91	6,25	14,06	43,75	32,03	100		
4	En las clases de taller (artes plásticas) las niñas realizaban trabajos artesanales con yeso o madera	32,00	41,00	23,00	25,00	7,00	128	3,52	No estereotipada
	%	25,00	32,03	17,97	19,53	5,47	100		
5	Los niños ayudaban a mantener el orden y la limpieza de la clase	11,00	16,00	37,00	46,00	18,00	128	2,66	Estereotipada
	%	8,59	12,50	28,91	35,94	14,06	100		
6	Los niños eran los secretarios de la comisión de clases	6,00	10,00	44,00	49,00	19,00	128	2,49	Estereotipada
	%	4,69	7,81	34,38	38,28	14,84	100		
7	Los niños elaboraban los trabajos prácticos grupales	8,00	10,00	52,00	47,00	11,00	128	2,66	Estereotipada
	%	6,25	7,81	40,63	36,72	8,59	100		
8	En mi escuela, las niñas jugaban fútbol en el receso	5,00	10,00	38,00	36,00	39,00	128	2,27	Estereotipada
	%	3,91	7,81	29,69	28,13	30,47	100		
9	Los niños cumplían a cabalidad con las tareas escolares	2,00	20,00	46,00	51,00	9,00	128	2,65	Estereotipada
	%	1,56	15,63	35,94	39,84	7,03	100		
10	La mayoría de las niñas eran desorganizadas en sus actividades escolares	3,00	10,00	20,00	53,00	42,00	128	2,05	Estereotipada
	%	2,34	7,81	15,63	41,41	32,81	100		
Media General								2,62	
Mediana								2,61	

TABLA 6. CONTEXTO ESCOLAR - FRECUENCIA DE ROL E IMAGEN DE GÉNERO.

Fuente: elaboración propia, según datos del cuestionario aplicado en el 2017.

Afirmaciones	Estereotipada	No estereotipada	General	Orientación
<i>Media</i>	2,33	2,62	2,47	Estereotipada
<i>Mediana</i>	2,34	2,61	2,48	

TABLA 7. CONTEXTO ESCOLAR – RESULTADO FINAL

En base a la tabla de resultado final, se determina una media (2,47) y mediana general (2,48), por las cuales se identifica una orientación estereotipada de género, de tal manera que los roles e imagen de géneros tipificados en el contexto familiar, son reafirmados en el contexto escolar.

Los roles e imagen de géneros identificados por las participantes de la investigación están orientados a un contexto estereotipado en los que resaltan la organización, el servicio y el cuidado de los demás como actividades propias de las mujeres; debido a que entre las medias más altas se identifican que las niñas eran las responsables por la provisión de comidas para los festejos (media 1,92) en comparación a los niños, quienes no eran asociados a la organización de festejos como el día de la amistad y de la juventud (2,06); las niñas eran consideradas más responsables con las tareas escolares (2,02) y no eran vistas como desorganizadas en sus tareas (2,06).

A la vez, con relación a los roles y actividades propios de cada género, el fútbol no era una actividad que podría ser practicada por las mujeres (2,27) y la gestión de secretaría de la comisión de clases no era una tarea orientada para el varón (2,49).

Se puede inferir a través de estos resultados que el contexto escolar es el espacio donde las niñas reafirman su rol de género, es decir, las características y actividades atribuidas a las mujeres vinculadas al esfuerzo intelectual y/o creativo por las habilidades para relacionarse y servir a los demás que dan continuidad a las tareas aprendidas y observadas en el contexto familiar. En este último son educadas desde pequeñas para “servir” o “atender” a los otros miembros de la familia; de tal manera que todas las actividades del contexto escolar, designadas a las niñas o mujeres buscan reproducir estos esquemas de cuidados tal como lo señalan Peña Calvo y Rodríguez Menéndez (2005).

Lo más importante a destacar con estos hallazgos es que, existe un factor sociocultural que trasciende los límites del espacio y del tiempo, ya que independientemente de dónde (colegio, ciudad, barrio) hayan estudiado las participantes (ya que no existe la posibilidad de que hayan estudiado todas en el mismo colegio) o de la edad que hayan tenido cuando estaban en la escuela (ya que las participantes de la investigación están integradas por mujeres de 18 a mayores de 54 años) queda claro que las mismas convivieron en un contexto social

estereotipado de género, el cual estuvo regido por un mecanismo más completo y difícil de detectar.

Se destaca que el contexto escolar como medio socializador interviene en la configuración de las relaciones de género y en la construcción de la identidad masculina y femenina en un proceso complejo de interacción entre niñas y niños que asumen las características prototípicas de lo que se considera ser varón o mujer (PEÑA CALVO & RODRÍGUEZ MENÉNDEZ, 2005).

Por lo tanto, la escuela se convierte en un factor elemental en la vida de una persona, donde por un tema cultural se refuerzan los modelos observados en los que los niños hacen cosas propias de niños y no pueden hacer lo que hacen las niñas, así también, los esquemas tradicionales presentados en los libros de textos (ZAPATA DÍAZ, 2012).

4 | CONCLUSIONES

Los resultados permiten concluir que las mujeres participantes convivieron en un ambiente familiar y escolar con orientación estereotipada de género, en los cuales los roles estaban diferenciados por sexo, basados en la imagen tradicional del varón y de la mujer.

Así las mujeres cuando niñas simulaban en sus juegos la práctica del rol doméstico que observaban en los modelos familiares y posteriormente ejecutaban en el apoyo a los quehaceres de la casa, de los cuales era responsable la madre, mientras que los niños seguían el modelo del padre proveedor cuyas actividades no estaban vinculadas al rol del cuidado doméstico ni al de la educación de los hijos.

De esta manera queda clara la diferenciación entre el ámbito público atribuido al varón y el privado a la mujer, aprendida por las participantes a través del primer ámbito socializador de género, la familia.

El contexto escolar del que participaron las mujeres investigadas constituyó un espacio de reafirmación del rol e imagen de género; las características y actividades atribuidas a las mujeres vinculadas con el cumplimiento y dedicación a las tareas escolares y con las habilidades para relacionarse y servir a los demás, dan continuidad a los modelos observados y aprendidos en el contexto familiar, donde desde pequeñas fueron educadas para “servir” o “atender” a los otros miembros de la familia, de tal manera que todas las actividades del contexto escolar, designadas a las mujeres cuando niñas reproducían estos esquemas tradicionales, en los que el cuidado es la nota resaltante.

Respecto de los factores vinculados con la orientación estereotipada de imagen de género en ambos contextos, se puede concluir que los modelos observados ejercen una poderosa influencia en la configuración de la imagen que

tienen las funcionarias estudiadas acerca de lo que se considera propio para varón y mujer. Modelos estos que se reflejan en la distribución de tareas domésticas y escolares; en los juegos, juguetes, vestimentas, recreación, normas de conducta y responsabilidades. A los que se suman en el contexto escolar los modelos proyectados por los textos y los espacios ocupados por niños y niñas, así como lo roles asumidos en la organización de las actividades escolares.

Por último, es importante resaltar la necesidad de educar desde la familia y la escuela en la igualdad de oportunidades que implique una ruptura con los modelos tradicionales, limitantes del desarrollo integral de varones y mujeres, tanto en el espacio privado como en el público.

REFERENCIAS

Campbell, A., Shirley, L., & Candy, J. (2004). A longitudinal study of gender-related cognition and behaviour. *Developmental Science*(7), 1-9.

Colás Bravo, P., & Villaciervos Moreno, P. (2007). La intereiorización de los estereotipos de género en jóvenes y adolescentes. *Revista de investigación educativa*, 25(1), 35-58. Recuperado el 29 de Setiembre de 2020, de <https://revistas.um.es/rie/article/view/96421>

Fisas, V. (1998). *El sexo de la violencia. Género y cultura de la violencia*. Barcelona, España: Icaria editorial S.A. Recuperado el 10 de Octubre de 2020, de https://books.google.com.py/books?id=9BkbLa5WJh8C&printsec=frontcover&hl=es&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=gestado&f=false

Gallegos Pereira, F., Guzmán Garrido, J., Saavedra Cubillos, C., & Silva Hidalgo, A. (2012). *Participación de mujeres en cargos gerenciales: una investigación cualitativa de empresas financieras*. Tesis de grado, Universidad de Chile, Facultad de Economía y Negocios, Santiago de Chile. Recuperado el 28 de Agos de 2020, de <http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/111789/Participaci%C3%B3n%20de%20Mujeres%20en%20Cargos%20Gerenciales.pdf?sequence=1>

Herrera Saint, P. (2000). Rol de género y funcionamiento familiar. *Revista Cubana de Medicina General Integral*, 16(6), 568-573. Recuperado el 11 de agosto de 2017, de <https://go.gl/ex2zdB>

Hidalgo Ariza, M. D. (2017). *Influencia de los roles y estereotipos de género en las percepciones y expectativas académicas y profesionales del alumnado universitario*. Tesis doctoral, Instituto de estudios de posgrado - Universidad de Córdoba, Facultad de Ciencias de la Educación, Córdoba. Recuperado el 29 de Setiembre de 2020, de <https://helvia.uco.es/xmlui/handle/10396/15116>

Lagarde, M. (1996). El género. La perspectiva de género. *Género y feminismo. Desarrollo humano y democracia.*, 13-38. Recuperado el 24 de enero de 2017, de <http://www.iberopuebla.mx/tmp/cviolencia/genero/consulta/lagarde.pdf>

Lamas, M. (Noviembre de 1986). La antropología feminista y la categoría de género. *Nueva antropología*, VIII(30), 173-198. Recuperado el 07 de febrero de 2017, de <http://www.redalyc.org/pdf/159/15903009.pdf>

Papalia, D., Wendkos Olds, S., & Duskin Feldman, R. (2009). *Psicología del Desarrollo. De la infancia a la adolescencia*. (M. Á. Toledo Castellanos, R. A. del Bosque Alayón, N. Islas López, M. Rocha Martínez, M. T. Zapata Terrazas, Z. García García, . . . G. E. Padilla Sierra, Edits.) México, México: Mc Graw Hil Educación. Recuperado el 03 de Enero de 2018

Peña Calvo, J. V., & Rodríguez Menéndez, M. d. (2005). Identidad de género y contexto escolar: una revisión de modelos. *REIS: Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 165-196. Recuperado el 01 de Octubre de 2020, de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1958513>

Ruble, D., & Marin, C. (1998). Gender development. In W. Damon & N. Eisenberg. *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development*, 933-1016.

Zapata Díaz, A. (2012). *Influencia de los estereotipos de género en la construcción de la identidad del niño*. Tesis para optar al título de asistente social, Escuela de Trabajo Social, Academia de Humanismo Cristiano. Recuperado el 8 de Diciembre de 2017

ÍNDICE REMISSIVO

A

Autonomia 22, 107, 109, 113, 114, 115, 116, 144

C

Câncer de pênis 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Creche 130, 131, 133, 134, 135

Criança 32, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 42, 87, 130, 135, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148

Cuidados de enfermagem 16

D

Desigualdades 10, 37, 41, 54, 55, 60, 73, 77, 106, 113, 118, 119, 121, 122, 125, 126, 127, 135

Ditadura Militar 72, 73, 75, 76, 77, 80

Diversidade sexual 2, 1, 10, 26, 30, 32, 42, 49

E

Educação 2, 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 27, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 39, 41, 42, 56, 109, 111, 112, 117, 124, 131, 133, 135, 136, 141, 143, 146, 147, 149

Educação em saúde 15, 16, 18, 20, 21, 22

Educadores 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Educandos 137, 140, 147

Enfermagem 7, 9, 16, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 124

Escola 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 12, 14, 31, 32, 36, 39, 41, 42, 50, 83, 87, 131, 136, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

F

Família 6, 22, 24, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 48, 54, 75, 84, 87, 110, 111, 113, 116, 117, 125, 126, 132, 138, 141, 142, 143, 144, 146

Família contemporânea 31

Feminismo 42, 55, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 92

G

Gênero 2, 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 55, 72, 76, 79, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 94, 95, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 138

I

Igualdade 4, 10, 12, 44, 53, 74, 78, 79, 112, 113, 114, 135

Interseccionalidades 118, 122, 124, 127, 129

L

LGBTQIA+ 24, 25, 26, 27, 28, 29

Liberdade 13, 35, 46, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 92

Ludmilla 83, 84, 85, 88, 89, 91, 92, 94

M

Migrações rurais-urbanas 118, 122, 124

Militarismo 44, 45, 47

Modelo de parentalidade 31

Mulher 7, 8, 14, 37, 38, 41, 44, 46, 47, 48, 52, 54, 56, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 87, 90, 92, 94, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 121, 125, 126, 127

Mulheres 3, 6, 7, 8, 13, 14, 28, 38, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 94, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

O

Opressão 26, 35, 72, 75, 76, 77, 78, 81, 95, 110, 113, 125, 127, 138

Organização espacial 130

P

Pablo Vittar 83, 84, 85, 88, 89, 90, 94

Polícia 44, 49, 52, 55, 56

Políticas públicas 78, 79, 81, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

População LGBTQIA+ 83

R

Relações de gênero 1, 7, 10, 11, 31, 80, 120, 121

Representatividade 54, 83, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Resistência 45, 47, 49, 52, 72, 77, 79, 80, 81, 85, 86, 108, 145

S

Sexualidade 2, 1, 7, 10, 30, 32, 33, 34, 36, 39, 41, 42, 46, 55, 86, 87, 91, 95, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 145, 146, 149

T

Tabus 1, 22, 137, 139, 140, 145, 146

Trabalho doméstico 110, 111, 113, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 129

V

Violência sexual 77, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148

Visibilidade 10, 23, 107, 109, 116, 121, 127

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 